

Escola de  
**Formação de Professores  
e Humanidades**



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS  
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES  
BACHARELADO EM ARQUEOLOGIA

**DA MATERIALIDADE PARA A IMATERIALIDADE DA CULTURA: AS  
CONCEPÇÕES SOBRE A INFÂNCIA NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX,  
CEMITÉRIO SÃO MIGUEL DA CIDADE DE GOIÁS**

NATALIA SILVA FÉ BERTO

GOIÂNIA/GOIÁS  
2021

NATALIA SILVA FÉ BERTO

**DA MATERIALIDADE PARA A IMATERIALIDADE DA CULTURA: AS  
CONCEPÇÕES SOBRE A INFÂNCIA NA SEGUNDA METADE DO  
SÉCULO XIX, CEMITÉRIO SÃO MIGUEL DA CIDADE DE GOIÁS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Formação de Professores e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Arqueologia.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Ma.Ludimília Justino de Melo Vaz

GOIÂNIA/GOIÁS

2021

NATALIA SILVA FÉBERTO

**DA MATERIALIDADE PARA A IMATERIALIDADE DA CULTURA: AS  
CONCEPÇÕES SOBRE A INFÂNCIA NA SEGUNDA METADE DO  
SÉCULO XIX, CEMITÉRIO SÃO MIGUEL DA CIDADE DE GOIÁS**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de bacharel em Arqueologia e aprovado em sua forma final pela Escola de Formação de Professores e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

**Banca Examinadora:**

---

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. M<sup>a</sup>.Ludimília Justino de Melo Vaz – PUC Goiás

---

Examinadora: Prof<sup>a</sup>. M<sup>a</sup>.Cristiane Loriza Dantas – PUC Goiás

---

Examinador: Mestrando Frederico Tadeu Gondim - UFG

GOIÂNIA-GOIÁS

2021

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente à Deus, pela força e pela oportunidade que ele me deu para realizar este trabalho.

À toda minha família, em especial minha mãe Luzeni Marques e meu marido Wallace Berto pelo encorajamento, incentivo e carinho em meio aos estudos. Pela vida do meu filho Davi, que ainda não nasceu, mas que me deu forças e impulso para continuar.

Agradeço a professora Ludimília Justino de Melo Vaz, que orientou este trabalho com muita dedicação e estímulos para que ele pudesse ser concluído e tenho um carinho especial por sua pessoa, além de orientadora se tornou para mim uma grande amiga.

À todos os amigos que fizeram parte da minha trajetória durante o curso, em especial as minhas amigas pelo apoio e amizade, Andréia Walker, Maria Eduarda Evangelista e Susan Valtuille.

À todos os professores que contribuíram para a minha formação compartilhando conhecimento com muito empenho e dedicação.

Agradeço a Pontifícia Universidade Católica de Goiás por oportunizar minha formação e ao Programa Universidade para Todos (PROUNI) por ter me concedido uma bolsa de estudos.

## RESUMO

O presente trabalho está voltado ao estudo da cultura material presente nos túmulos de crianças do século XIX, que foram levantados durante a pesquisa de Iniciação Científica no Cemitério São Miguel da Cidade de Goiás. Ao analisar as lápides e as inscrições presentes nos túmulos de crianças foram identificados os termos “inocente” e “anjo”, e a partir daí surgiu o seguinte questionamento: “como as crianças eram vistas socialmente?” E foi essa questão que impulsionou o tema desta pesquisa, tendo como objetivo identificar as ideias ou concepções sobre a infância no século XIX para melhor compreender a cultura material que está inserida no cemitério São Miguel da Cidade de Goiás. O método utilizado para chegar ao objetivo deste trabalho foi o levantamento bibliográfico sobre o assunto e o levantamento dos dados realizados em campo para análise da cultura material. Por meio da análise compreendo que, diferentemente da Idade Média, o sentimento em relação à infância e a posição da criança dentro da família foi algo que surgiu no período industrial. A partir daí, foram analisados os aspectos formais de quatro túmulos de crianças no Cemitério São Miguel da Cidade de Goiás, sendo identificados, especialmente, os valores afetivos e estéticos da época.

**Palavras-chave:** Arqueologia, Cemitério, Cultura Material, Infância.

## **ABSTRACT**

The present work is aimed at the study of the material culture present in the tombs of children of the 19th century, which were raised during the research of Scientific Initiation at the São Miguel Cemetery in the City of Goiás, by analyzing the tombstones and inscriptions present in the children's tombs. The terms "innocent" and "angel" were identified, and the following question emerged: "how were children seen socially?" And it was this question that propelled the theme of this research, aiming to identify the ideas or conceptions about childhood in the 19th century to better understand the material culture that is inserted in the São Miguel cemetery in the City of Goiás. The method used to reach the objective of this work was the bibliographical survey on the subject and the survey of data carried out in the field for the analysis of material culture. Through analysis, I understand that, unlike the middle Ages, the feeling about childhood and the child's position within the family was something that emerged in the industrial period. From there, the formal aspects of four children's tombs in the São Miguel Cemetery in the City of Goiás were analyzed, especially the affective and aesthetic values of the time being identified.

Keywords: Archeology, Cemetery, Material Culture, Childhood.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Planta original do Cemitério São Miguel da Cidade de Goiás.....	13
Figura 2 - Tabela de dados coletados sobre o Número de falecidos por categoria nos registros de Óbitos de Goiás entre 1832/1899.....	16
Figura 3 - Degraus das Idades.....	21
Figura 4 - São Nicolau.....	22
Figura 5 - Estatística demográfica-sanitária de causa e morte na Cidade de Goiás em 1827. Documento levantado no Arquivo Histórico do Estado de Goiás.....	27
Figura 6 - Cemitério São Miguel vista em imagem do Google Earth, linha vermelha indicando a delimitação do século XIX, localização da Quadra 1 em amarelo e da Quadra NO em verde.....	33
Figura 7 - Arabesco em baixo relevo, sepultura 1.....	43

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Ficha descritiva da Sepultura 1.....	35
Tabela 2 - Ficha descritiva da Sepultura 2.....	36
Tabela 3 - Ficha Descritiva da Sepultura 3.....	37
Tabela 4 - Ficha Descritiva da Sepultura 4.....	38
Tabela 5 - Descrição das iconografias, inscrições das lápides e forma das sepulturas.....	40



## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO 1. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA FUNDAÇÃO DO CEMITÉRIO SÃO MIGUEL DA CIDADE DE GOIÁS.....	9
CAPÍTULO 2. CONCEPÇÃO EM RELAÇÃO À INFÂNCIA.....	17
CAPÍTULO 3. CULTURA MATERIAL E A ABORDAGEM ARQUEOLÓGICA.....	27
3.1 Metodologia.....	29
3.2 Análise.....	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....	45

## INTRODUÇÃO

A presente pesquisa desenvolve um assunto decorrente da minha iniciação científica, que levou o título de “Túmulos de Crianças do Século XIX no Cemitério São Miguel da Cidade de Goiás: representações sociais e significados simbólicos”<sup>1</sup> que buscou compreender como a cultura material do cemitério reflete as representações sociais e os significados simbólicos dos túmulos de crianças no século XIX.

Nos túmulos de crianças levantados durante a pesquisa de Iniciação Científica, foram registradas as inscrições presentes nas lápides, onde chamaram atenção os termos “inocente” e “anjo”. Foi justamente essa questão que impulsionou o tema dessa pesquisa. Indo da materialidade para imaterialidade da cultura, tendo como objetivo compreender as concepções sobre a infância e como ela era vista socialmente na segunda metade do século XIX, no Cemitério São Miguel da então Vila Boa de Goiás.

O questionamento que foi proposto pretende entender se estes termos estão relacionados à uma faixa etária, à ingenuidade da criança, ao seu desenvolvimento cognitivo ou ao fato de serem considerados puros, sem pecados.

O número de túmulos levantados e pesquisados foi pequeno, correspondendo a quatro unidades. Não foi possível obter uma amostra maior por causa da impossibilidade de ir a campo durante a pandemia do Covid 19 com protocolos de segurança a partir de março de 2020, mas apesar da amostra ser pequena algumas observações puderam ser realizadas.

Esta pesquisa aborda alguns dos túmulos de crianças do século XIX que ainda estão no Cemitério São Miguel para compreender como as ideias sobre a infância vão mudando ao longo do tempo por causa do pensamento da época transmitido pelas instituições, por exemplo, igreja, família e escola.

Dessa forma, o capítulo 1 aborda a contextualização histórica do Cemitério São Miguel da Cidade de Goiás, sendo apresentado um panorama do surgimento do cemitério e as questões que impulsionaram a fundação do mesmo. Para compreender as concepções em relação a infância, o capítulo 2 discorre, por meio de levantamentos

---

<sup>1</sup>Esta pesquisa de Iniciação Científica está vinculada ao Projeto “O cemitério São Miguel da cidade de Goiás da segunda metade do século XIX: Delimitação espacial e categoria social a partir dos testemunhos funerários”, coordenado pela Profa. Ma. Ludimília Justino de Melo Vaz, inscrito na PROPE/PUC Goiás.

bibliográficos, sobre o sentimento em relação à infância que foi sendo construído ao longo da história. O capítulo 3, discorre sobre a cultura material e a abordagem arqueológica em que esse trabalho é baseado realizando uma análise da materialidade presente nos túmulos de crianças, onde vemos expressos os sentimentos em relação a infância. Nas considerações finais são apresentados os resultados e reflexões sobre a análise da materialidade dos túmulos de crianças.

## **CAPÍTULO 1. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA FUNDAÇÃO DO CEMITÉRIO SÃO MIGUEL DA CIDADE DE GOIÁS**

Segundo o site do IBGE<sup>2</sup>, a Cidade de Goiás, mais conhecida como “Goiás Velho” por ter sido a primeira e antiga capital do Estado, possui uma área de 3.108 Km<sup>2</sup> e uma população estimada em 2020 de 22.381 habitantes e se encontra localizada a 136 km de Goiânia e a 320 km de Brasília.

No primeiro século da colonização do Brasil, as ocupações foram advindas de expedições de aventureiros bandeirantes que partiam principalmente de Bahia e São Paulo. Porém Bartolomeu Bueno da Silva, mais conhecido como o Anhanguera, que estava em busca de ouro, encontrou as primeiras jazidas no final do século XVII nas cabeceiras do Rio Vermelho, atual região da Cidade de Goiás. Após a descoberta do ouro várias expedições começaram a chegar a Goiás em busca das riquezas do subsolo (BORGES, 2010, p.4).

Em 1726, foi fundado, por Bartolomeu Bueno, o primeiro vilarejo da região, o Arraial da Barra e em consequência disso foram se multiplicando os povoados e a exploração das minas. No ano seguinte, em 1727, o bandeirante fundou o Arraial de Sant’Anna que foi o primeiro nome da Cidade de Goiás, situada às margens do rio Vermelho (BORGES, 2010).

Em 1749, Vila Boa é elevada a capital da Província de Goiás. E foi em 1930 que ocorreu a transferência da capital estadual denominada Vila Boa de Goiás para Goiânia (GOMIDE, 2007, p. 10). Segundo o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)<sup>3</sup>, a Cidade de Goiás teve o seu reconhecimento como Patrimônio Cultural Mundial, em 2001, pela Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (Unesco), em que ressaltou a arquitetura e a cultura do primeiro núcleo urbano fundado no território goiano.

Anterior ao surgimento dos cemitérios, os enterros eram realizados dentro ou no entorno das Igrejas aos cuidados das Irmandades. Segundo Júlio César Medeiros da S. Pereira, as Irmandades eram reuniões de leigos devotos em torno de um santo

---

<sup>2</sup> IBGE - O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/go/goias.html>>, Acessado em: 30/05/2021 às 23:05h)

<sup>3</sup> IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/>, Acessado em 30/05/2021)

e também cumpriam um papel social, pois pertencer a uma irmandade agregava alguma distinção, e certamente garantia o apoio para o funeral nos moldes cristãos da época (PEREIRA, 2007).

Conforme Borges (2002), a primeira determinação para a construção de um cemitério no Brasil é de 1789. Foi D. Maria de Portugal que recomendou ao bispo do Rio de Janeiro a construção de um cemitério, evitando o enterramento dos mortos dentro da igreja. Mas segundo a autora, só 27 anos depois é que a construção dos cemitérios a céu aberto se torna obrigatória pelo artigo 66, parágrafo 2º, da Lei promulgada por Dom Pedro I em 1 de outubro de 1828.

Assim como em diversas cidades brasileiras, houve resistência na aceitação dessa determinação também na Cidade de Goiás, pois constrangia os sentimentos da religiosidade popular cristã (BORGES, 2002).

Segundo Cláudia Rodrigues, entre outros fatores, a febre amarela pressionou a criação dos cemitérios em 1850, fazendo com que o Governo Imperial ordenasse a criação (RODRIGUES, 1997). Nessa época, as condições da saúde pública eram bastante deficitárias, para esse período, são citadas condições ímpares que possibilitam a entrada de novas doenças e a disseminação da mesma, especialmente entre a faixa mais pobre da sociedade, incluindo os escravizados. Era evidente, por exemplo, a condição insalubre dos escravizados, especialmente, por seus pés descalços, uma vez que, conforme Alencastro (1997 apud SILVA, 2012, p. 263), o uso dos sapatos era destinado aos livres e libertos. A necessidade de melhorar a estrutura sanitária dos centros urbanos era uma preocupação médica, que caminhava ao lado do discurso higienista. Para uma definição mais detalhada, Silva, em nota de rodapé, define o termo, conforme usado no século XIX, citando Botelho e Reis:

Higienistas: designação dos indivíduos, especialmente médicos, que defendiam as ideias do higienismo, baseadas na teoria dos miasmas, segundo a qual a doença e a morte resultavam do desequilíbrio de gases produzido pela inalação ou contato com o ar contaminado. O combate à doença pressupunha, portanto, uma ação coletiva e preventiva que melhorasse as condições de salubridade e higiene. Os estudos e propostas dos higienistas, em meados do século XIX, incluíam medidas como a construção de esgotos viabilizada entretanto, somente na década de 1860 – e de prédios arejados; instalação de sistemas de água encanada; transferência dos cemitérios para áreas periféricas das cidades; combate às epidemias, ao alcoolismo, à prostituição – embora alguns médicos quisessem regulamentar a profissão como forma de combater a sífilis – às moradias coletivas e ao abandono de crianças; incentivo ao aleitamento materno e à profissionalização das amas e melhoria das escolas –, com salas arejadas,

iluminadas, com mobiliário adequado e o acréscimo da educação física às matérias curriculares –, e da circulação do ar e das pessoas nos aglomerados urbanos (BOTELHO; REIS, 2008, p. 272 apud SILVA, 2012, p. 262).

Apesar da menção da localização dos cemitérios, outro ponto que toca ao assunto do surgimento dos cemitérios, são os miasmas<sup>4</sup>. Esses gases foram apontados também pelo presidente da província, Francisco Ferreira dos Santos Azevedo que solicita providências sanitárias em decorrência do abandono de dejetos, inclusive humanos, de corpos mal enterrados e deixados para decomposição no campo da força.

Continua-se a enterrar os corpos dos desgraçados no campo de força, aonde não há nem se quer huma cerca, que vede a entrada dos porcos, que continuamente estão a fossar as sepulturas, de maneira que as vezes chegarão a aparecer os mesmos corpos, exalando sempre, e principalmente quando o sol está mais ardente, hum fetido terrível, o que na verdade he bem prejudicial (Relatório do Francisco Ferreira dos Santos Azevedo, 1842. Memórias goianas, Goiânia, n.3, p.209,1986, apud MORAES, 1999. p. 146).

Conforme Moraes, no ano de 1842, o presidente da província Francisco Ferreira dos Santos Azevedo, pede uma quantia de duzentos mil réis para construir o primeiro cemitério da Cidade de Goiás, que ficaria sob a administração do Hospital de Caridade São Pedro de Alcântara, com o intuito de atender às medidas sanitárias, por conta dos odores pútridos dos cadáveres em decomposição que eram exalados pela cidade, por consequência da prática advindas das igrejas de enterrarem os mortos dentro ou nos arredores das igrejas e também dos enforcados em valas rasas no campo da força (MORAES,1999). Pode-se dizer então que o ar puro era a maior preocupação da época, porque além de carregar odores pela cidade, era por meio dele que muitos males e doenças eram transportados.

Sendo assim, o Cemitério São Miguel na Cidade de Goiás foi fundado em 1858, atendendo as medidas sanitárias da época. Após a criação e fundação do cemitério, foi elaborada uma lei que proibia os enterramentos dentro das igrejas, na qual as irmandades se comprometiam somente a rezar missas para seus membros falecidos e doentes, fossem esses ricos ou aqueles que não possuíam muitas riquezas e acompanhá-los até o fim de sua trajetória de dor e sofrimento. A Lei n.10,

---

<sup>4</sup>“Emanação proveniente de substâncias animais ou vegetais em decomposição” (Disponível em: <https://www.dicio.com.br/miasmas/>). Acessado em: 02/06/2021.

de 20 de junho de 1846 proibia “Sepulturas nas Igrejas Matrizes, Parochias e suas filiaes, salvo o direito das Irmandades, e em quanto senão estabelecer o cemitério público”. (Relatório do Francisco Ferreira dos Santos Azevedo, 1842. Memórias goianas, Goiânia, n.3, p. 209,1986, apud MORAES, 1999. p. 146).

Diferentes publicações citam o trabalho de Cristina de Cássia Pereira Moraes (1999) como referência das documentações levantadas sobre esse período, que apresenta a planta original do cemitério. Nesta planta existe uma legenda que indica a destinação de cada quadra para as categorias sociais da época. A estratificação das camadas sociais foi representada em divisões do terreno destinadas a sepulturas perpétuas, crianças, pobres, ossos, escravos, irmandades e até para pagãos (de fora do muro) já que tentava-se agregar todos os estratos da sociedade. A planta espacial do cemitério São Miguel reflete uma sociedade hierarquizada socialmente (figura 1)

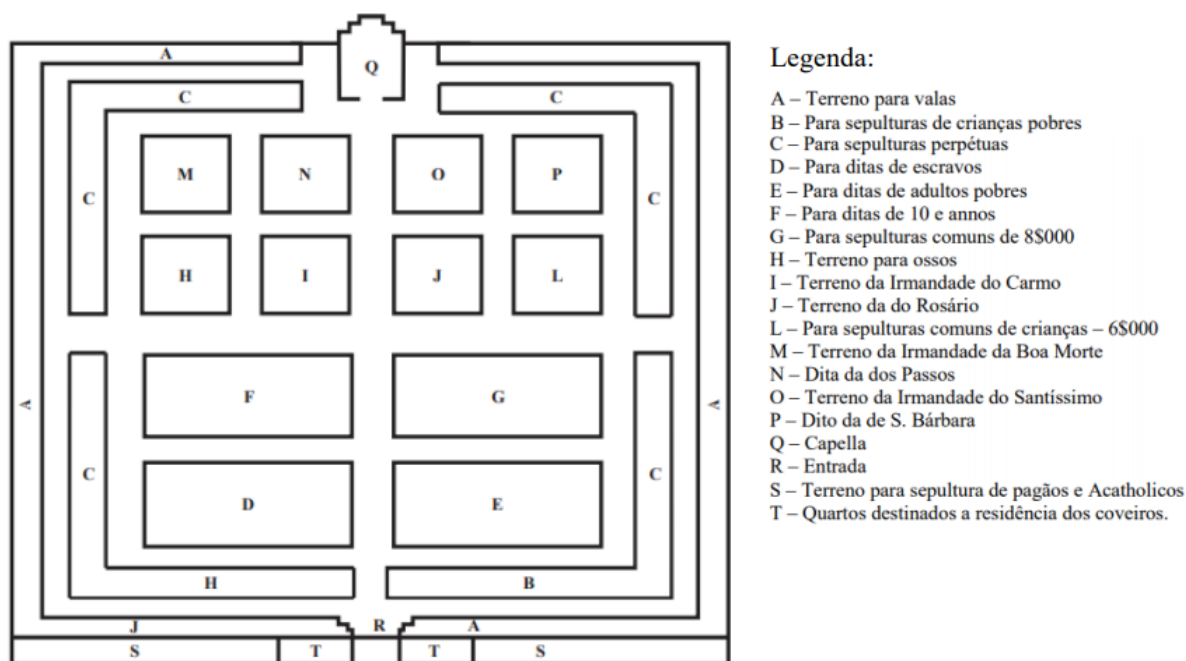


Figura 1. Planta original do Cemitério São Miguel da Cidade de Goiás. Fonte: Moraes, 1999.

Pode ser mencionado que a faixa mais próxima à entrada do cemitério estava destinada aos sepultamentos infantis, como pode ser observada na planta original do cemitério. Estas primeiras quadras B e H foram objeto de estudo do TCC de Willy Eduardo Hochleitner (2018) no curso de graduação em Arqueologia/PUC Goiás. Neste trabalho foi feito o levantamento sistemático dos túmulos do século XIX sendo registrados oito de adultos e três de crianças, estas últimas, identificadas na faixa H

da planta original. Apesar de haver uma sepultura do início do século XX, de Virgílio Gaudie Fleury (N. 05/11/1904 e F. 09/04/1906), falecido com um ano e cinco meses. Sobre essa sepultura foi colocada uma estátua de um anjo dentro de uma grade protetora. A imagem de anjo já foi objeto de estudo de dissertação de mestrado de Samuel Campos Vaz (2014), por ser conhecida como a “menina do caco”, personagem de uma narrativa popular que se contrapõe ao poema de Cora Coralina

A morte prematura dessas crianças, poderiam estar relacionadas com a saúde pública que se agravava em decorrência da situação econômica que se encontrava Vila Boa de Goiás no século XIX.

O desenvolvimento econômico da província de Goiás no início do século XIX foi marcado pela crise do ouro e pelo distanciamento dos recursos provenientes da coroa portuguesa, como o auxílio médico e financeiro para arcar com a extração do ouro. Contudo, não houve de imediato uma atividade econômica que pudesse dinamizar o processo de desenvolvimento dos habitantes daquela região, assim, muitos migraram para a região norte para dar início às atividades agropecuárias e de agricultura de subsistência. Um dos dois grandes rios e que foram de extrema importância para esses agricultores são os rios Maranhão e Rio Araguaia, localizados próximos ao povoado Amaro Leite, além desse fator eles foram estimulados pela isenção de impostos e dízimos (MAGALHÃES, 2013). É nessa situação de crise econômica que se encontrava a Villa Boa no século XIX.

Sonia Maria de Magalhães (2013), em seu artigo *Doenças das crianças goianas no século XIX*, observa que muitos dos migrantes que foram para os sertões da região norte, enfrentaram condições precárias de saúde, os goianos também sofreram pela consequência do abandono por parte dos administradores, assim houve a iminência dessa precariedade e muitos deles foram acometidos dos males, como bócio, bouba, beribéri, pneumonia, hidropisia, morfeia, doenças do aparelho digestivo, escorbuto, entre outros. As causas desses diversos males foram citadas em uma referência documental, escrita pelo viajante Pohl, onde ele relata a situação precária dos goianos, que estavam sem assistência médica, sem casas de saúde e sem medicamentos, mesmo na capital (MAGALHÃES, 2013).

A saúde em Goiás e em quase todo o Brasil, nunca foi algo prioritário, sendo assim responsabilidade de cada morador arcar com as medidas sanitárias domésticas, de forma individual. A administração da saúde do período colonial pertencia ao Conselho Municipal e alguns casos à coroa. Posteriormente, em 1828 os



serviços hospitalares passaram a ser responsabilidade das Câmaras, entretanto não houve mudanças significativas, mostrando-se ineficientes e sem recurso suficiente para tal exercício (MAGALHÃES, 2013). Em 1825, foi fundado o Hospital de Caridade São Pedro de Alcântara, sendo ele a única instituição de saúde da região de Goiás, na época, na qual atenderia e serviria de abrigo para enfermos pobres, indigentes e acolhia também dementes, doentes e necessitados, sendo eles homens livres ou escravos (MAGALHÃES, 2013).

No artigo de Sonia Maria de Magalhães (2013), a autora relata dificuldades de obter informações sobre os mortos por meio dos registros de óbitos, tais como a data do falecimento, as doenças, o sexo, as idades, o estado civil, a condição social, a ocupação e a causa da morte, sendo a causa da morte a mais rara de encontrar e também por não ter uma padronização dos registros. Observa-se um descaso em relação aos documentos históricos sendo possível encontrar em alguns riquezas de informações, já em outros quase nada. Segundo a autora, as mortes eram mais frequentes nas crianças na faixa etária de 0 a 10 anos de idade, referente ao segmento “livres e escravos”. As doenças que afetavam e levavam a óbito as crianças na época eram em consequência da precariedade na assistência médica, as condições higienistas, carência alimentar, entre outras, embora os óbitos não revelem esse grande impacto; e além disso, a liberdade ampla que as crianças tinham de brincar e correr por todo lado e o contato com meio ambiente, proporcionaram a proliferação dessas doenças, principalmente vermes que se adentravam por meio do contato das crianças com o solo. O marasmo resulta de uma deficiência geral de calorias e proteínas, verificada principalmente no primeiro ano de vida, em decorrência do desmame precoce, quando o bebê passa a receber uma alimentação insuficiente em nutrientes. Nessas circunstâncias, a deficiência do crescimento é marcante, bem como a do peso. Os músculos atrofiam e o emagrecimento é, às vezes, tão grande, que ocorre a "caquexia" (estado de profunda desnutrição) (MAGALHÃES, 2013, p. 4).

As mesmas dificuldades de obter informações precisas por meio dos Registros de Óbitos são relatadas pelo já citado Deuzair Silva (2012), o autor menciona diferentes nomenclaturas para relatar faixas etárias. A menção à criança foi identificada pelo termo “inocente”. Nas palavras do autor: “Quanto às crianças, fiz essa inferência a partir da definição encontrada no Dicionário da Língua Brasileira: “innocente, adj Que não faz mal. Que não tem culpa. Singelo, Simples, que não tem malícia” (PINTO, 1996, p. s/n apud SILVA, 2012, p. 184).

O levantamento de dados relativo à faixa etária realizado por Silva (2012) nos mostra um alto percentual de mortalidade infantil entre os anos de 1838-1900. Esses dados, contribuem especificamente para compreender em termos quantitativos a morte de crianças na faixa temporal da segunda metade do século XIX. Dessa forma, apresento a seguir a tabela “Número de falecimentos por categoria nos registros de óbitos em Goiás entre 1832-1899” (SILVA, 2012, p. 184) onde os dados foram apresentados.

Anos	Categorias						Número Total de Registros
	Adulto	%	Inocente	%	Jovem	%	
1832-1840	17	89,6	1	5,2	1	5,2	19
1841-1850	54	74	1	1,4	18	24,6	73
1851-1860	418	61	199	29,1	68	9,9	685
1861-1870	663	52,5	440	34,8	161	12,7	1264
1871-1880	1	50	-	-	1	50	2
1881-1890	127	46,9	91	33,6	53	19,5	271
1891-1899	370	51,8	231	32,4	113	15,8	714
<b>Tot. Relativo</b>	<b>1.650</b>	<b>54,5</b>	<b>963</b>	<b>31,8</b>	<b>415</b>	<b>13,7</b>	<b>3.028</b>

Figura 2. Tabela de dados coletados sobre o Número de falecidos por categoria nos registros de Óbitos de Goiás entre 1832/1899. Fonte: SILVA, 2012, p. 184.

Antes de elaborar uma leitura da figura, deve-se apresentar os esclarecimentos prestados pelo autor sobre folhas faltando, especialmente nos anos de 1871-1880, e dados imprecisos, como o termo “inocente” para as crianças, já mencionado acima, e a falta de referências específicas sobre jovens, que o autor teve que inferir, à medida que outras categorias não estavam presentes.

Verifica-se na figura 2, a comparação do número de falecidos divididos por faixas etárias durante períodos de dez em dez anos. Ocorrem baixos percentuais de inocentes/crianças nos anos de 1832 a 1850 em relação aos adultos, enquanto que a partir de 1851 a taxa de mortalidade nessa categoria sobe para 29,1%, permanecendo acima de 30% até o final do século XIX. Os índices de falecimentos de jovens são inferiores aos das crianças, exceto nos anos de 1840 quando os percentuais foram de 24% de jovens para 12% de crianças.

Mesmo que os dados não sejam precisos, podemos levantar por hipótese, com base na tabela de Silva (2012), que as enfermidades estavam tirando a vida de um número considerável de crianças. Nos anos de 1860 foram registradas 440 crianças em relação a 663 adultos e 161 jovens. Se levarmos em consideração que é natural que a morte chegue para o adulto no fim da vida, o quantitativo de crianças que têm a vida interrompida torna-se mais impactante (SILVA, 2012). A causa mortes, não foi trabalhada pelo autor em destaque.

## CAPÍTULO 2. CONCEPÇÃOEM RELAÇÃO À INFÂNCIA

Para uma definição de infância me baseei em informações trazidas pela autora Adriana Fraga da Silva (2018), onde ela expõe definições de infância com base em dicionários de língua portuguesa:

“**Infância.** [Do lat. *Infantia.*] **S.f. 1.** Período de crescimento do ser humano, que vai do nascimento até a puberdade, meninice, puerícia. **2.** As crianças. **3. fig.** O primeiro período de existência duma instituição, sociedade, arte, etc. **4. Psicol.** Período da vida que vai do nascimento à adolescência, extremamente dinâmico e rico, no qual o crescimento se faz concomitantemente, em todos os domínios, e que, segundo os caracteres anatômicos, fisiológicos e psíquicos, se divide em três estágios: **primeira infância**, zero a três anos; **segunda infância**, de três a sete anos; e **terceira infância**, de sete anos até a puberdade. **5. Bras. Pop.** Ingenuidade, simplicidade: *Aquele senhor é de uma infância!* **Primeira Infância. Psicol.. V. infância (4).** **Segunda Infância. Psicol.. V. infância (4).** **Terceira Infância. Psicol.. V. infância (4).** (FERREIRA, 1999, apud FRAGA DA SILVA, A.; 2018, p.178)”.

Tal definição nos remete à infância em um primeiro momento como sendo uma etapa do desenvolvimento humano, o desenvolvimento biológico e cognitivo, considerado como sendo a fase inicial. O segundo significado nos remete à infância como sinônimo de criança, o terceiro significado nos dirige à infância como sendo um período de nascimento/existência de algo, como por exemplo de uma sociedade, instituição, entre outros. No âmbito da psicologia, quarta definição, a infância é vista como um período da vida do indivíduo que perdura do nascimento até a adolescência, em que o crescimento está presente em todas as áreas, tanto em questões anatômicas, como fisiológicas e psíquicas, sendo ela dividida em três estágios de infância: a primeira se refere ao nascimento até os três anos, a segunda três até os sete anos e a terceira dos sete até a puberdade. E por último, popularmente, o termo extrapola a noção da fase biológica, para caracterizar ingenuidade e simplicidade.

Sendo assim, estas definições estão pautadas em fases, sendo então vista como algo natural do biológico. Nesse sentido, trago como exemplo, o trabalho de arqueologia realizado pelas autoras Eliana Escórcio e Maria Dulce Gaspar (2010), que levou em conta os fatores biológicos para classificação dos restos esqueléticos em sociedades sambaqueiras. Neste trabalho as autoras destacam a relevância dos estudos sobre enterramentos funerários em sambaquis, considerando que: “Mortos

demarcavam a paisagem, ordenavam o espaço e eram dispostos de maneira cuidadosa em determinadas áreas dos sítios, em uma organização que nada tem de aleatória”. (ESCÓRCIO e GASPAR, 2010; p.73-74).

No entanto, o objeto de estudo deste trabalho não tem acesso aos restos esqueléticos, tendo como intenção compreender as concepções sobre a infância no século XIX, numa abordagem que foi desenvolvida por Airès (1981). Nesta linha, destaco o trabalho da arqueóloga Adriana Fraga da Silva (2018) que observa embalagens de brinquedos contemporâneos para crianças elaborando uma análise das representações em relação às crianças: “Nesta perspectiva, apesar de ainda remeter à infância como uma fase/etapa, esta é vista como uma construção historicamente datada e localizada, e não como algo natural e universalmente posto”. (FRAGA DA SILVA, A.; 2018, p.179).

Pressupõe-se que a infância é uma construção dos adultos, pois ela sofre diversas mudanças que estão relacionadas a introdução dela na sociedade, de modo que elas vivem a infância de várias maneiras, dependendo do seu contexto social, do meio em que ela está inserida e até mesmo da visão em que as pessoas têm a respeito delas e toda essa questão e conseqüentemente um dos motivos da existência das diversas concepções de infância.

No trabalho da autora:

[...]a infância é observada desde a seguinte perspectiva: nas formas como os adultos compreendem a ação das crianças (sujeitos da infância); e definida socialmente como uma etapa de aprendizagem na experiência no mundo (FRAGA DA SILVA, A.; 2018, p.181).

Sendo assim, neste trabalho compreendemos a infância como caracterizada por seus fatores biológicos e cognitivos, mas profundamente compreendida por construções históricas e culturais às quais a análise da cultura material se vincula.

A infância é percebida e tratada de formas dissemelhantes ao longo da história e isso é nítido quando se considera a grande diversidade cultural nas sociedades. Em cada contexto e período, foram construídos distintos significados em relação às diferentes posições que a criança tem ocupado e também com relação a sua importância frente às expectativas de sua família e da sociedade, tendo como consequência uma grande diversidade de concepções e percepções sobre a infância.

O autor Philippe Ariès no livro intitulado “História Social da Criança e da Família”, trata de como o conceito e o modelo de criança foi construído em alguns períodos e contextos na idade média, observando as transformações sofridas pela infância no decorrer da história.

A partir de fontes da literatura medieval, como apresenta o exemplo citado por Ariès em *Le Grand Propriétaire de toutes choses*, livro VI, nos remete “As idades da vida”, descrevendo cada uma dessas etapas da vida e sua importância, foi possível observar que aquelas “idades da vida” não correspondiam somente às etapas biológicas, mas elas traziam também as funções sociais. Em cada etapa o indivíduo teria uma função social, por exemplo, primeiro a idade dos brinquedos, idade da escola, as idades do amor ou dos esportes da corte e da cavalaria, as idades das guerras e da cavalaria e por fim, as idades sedentárias. O autor diz que restaria sempre um vazio, quando se tratava de indicar a criança durante seus primeiros meses e isso não seria sanado antes do século XIX (ARIES, 1981.).

(...) Primeiro, a idade dos brinquedos: as crianças brincam com um cavalo de pau, uma boneca, um pequeno moinho ou pássaros amarrados. Depois, a idade da escola: os meninos aprendem a ler ou seguram um livro e um estojo; as meninas aprendem a fiar. Em seguida, as idades do amor ou dos esportes da corte e da cavalaria: festas, passeios de rapazes e moças, corte de amor, as bodas ou a caçada do mês de maio dos calendários. Em seguida, as idades da guerra e da cavalaria: um homem armado. Finalmente, as idades sedentárias, dos homens da lei, da ciência ou do estudo: o velho sábio barbudo vestido segundo a moda antiga, diante de sua escrivaninha, perto da lareira (ARIES, 1981, p.9).

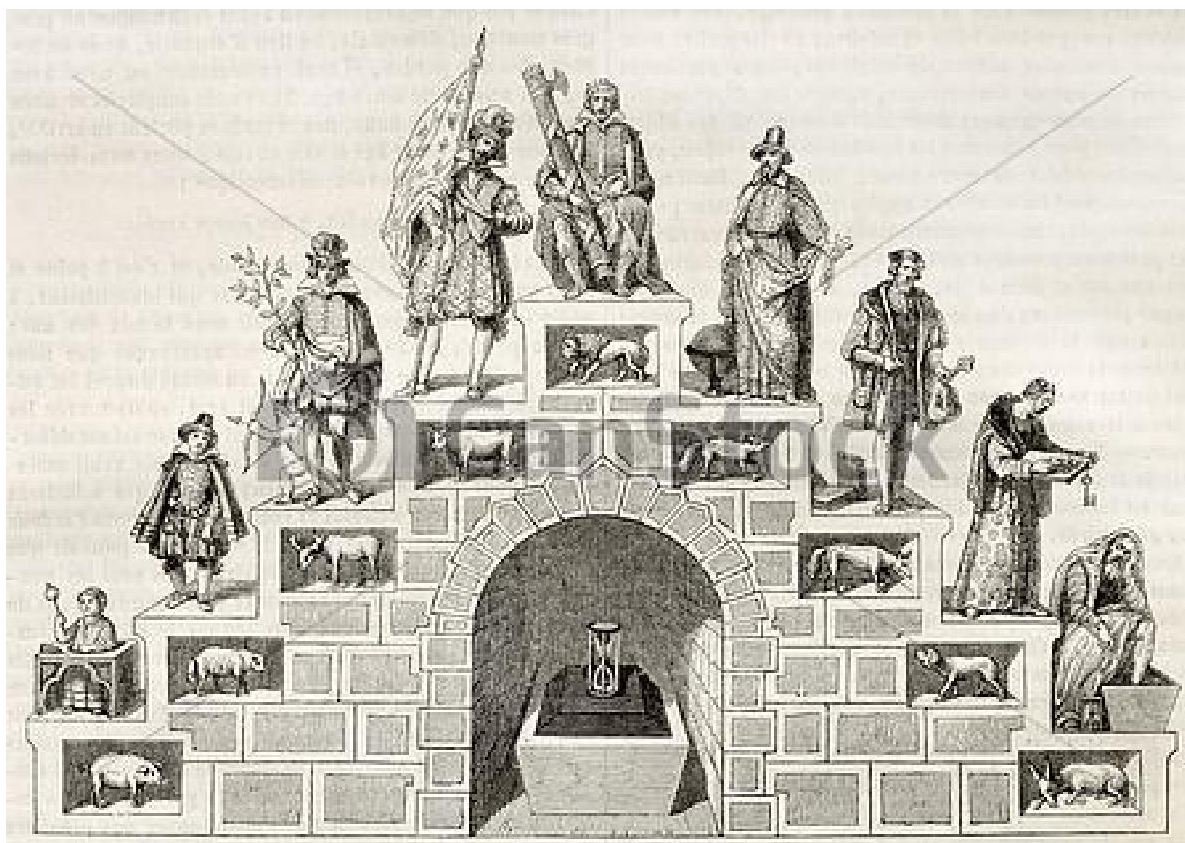


Figura 3. Degraus das Idades. Fonte: <http://endimag.files.wordpress.com/2016/12/les-ages-de-lhomme-the-ages-of-man-print-made-by-d-de-vosthem-date-16thc-late.jpg> apud: SOUZA, 2015.

Esses atributos da arte do século XIV seriam encontrados, quase idênticos, em gravuras de natureza mais popular, mais familiar, que subsistiram do século XVI até o início do século XIX, com pouquíssimas mudanças. Essas gravuras eram chamadas *Degraus das idades*, pois retratavam pessoas que representavam as idades justapostas do nascimento até a morte, muitas vezes de pé, sobre degraus que subiam à esquerda e desciam à direita. No centro dessa escadaria dupla, como que sob o arco de uma ponte, erguia-se o esqueleto da morte, armado com sua foice (BRITO, C. A.; SOUZA, 2015; p.15).

Ariès (1981), discorre de forma bem detalhada sobre “As descoberta da infância”, como essa descoberta se deu e como a criança foi vista em diferentes séculos e contextos, expressando que, até por volta do século XII, a arte medieval desconhecia a infância ou não se tinha uma grande preocupação em representá-la e até o fim do século XIII, as crianças não eram caracterizadas por sua expressão particular, não havia um sentimento de infância, elas eram caracterizadas como homens só que em pequena estatura e isso confirma que não havia preocupação em representar essas crianças com particularidades infantil, fator que as distingue dos

adultos, tendo a infância como um período passageiro, cuja lembrança da fase infantil era perdida facilmente.

A Descoberta da Infância até por volta do século XII, a arte medieval desconhecia a infância ou não tentava representá-la. É difícil crer que essa ausência se devesse à incompetência ou à falta de habilidade. É mais provável que não houvesse lugar para a infância nesse mundo. Uma miniatura otomaniana do século XII nos dá uma ideia impressionante da deformação que o artista impunha então aos corpos das crianças, em um sentido que nos parece muito distante de nosso sentimento e de nossa visão (ARIÈS, 1981, p.62).

Ao analisar as iconografias da época, elas deixam claro a representação da criança como um adulto em miniatura e como não se tinha a preocupação em representá-las com suas particularidades infantis. Trago como exemplo, a imagem do quadro de São Nicolau (Figura 4), na imagem ele está envolto de três crianças que foram ressuscitadas por ele e ao analisar a imagem percebe-se que as crianças são representadas numa escala reduzida dos adultos, elas são exatamente iguais aos adultos aparentemente e fisicamente.



Figura 4. São Nicolau. Fonte: <https://www.francepittoresque.com/spip.php?article939>, apud, SOUZA, 2015.



Percebe-se que havia uma grande tendência em separar o mundo das crianças dos adultos, a infância era vista como uma fase sem muita importância e em que não era comum guardar lembranças.

Segundo Ariès (1981), foi por volta do século XIII, que começaram a aparecer alguns tipos de crianças na arte e na iconografia, que se aproximavam mais do sentimento moderno. Com isso surge o anjo, que é representado por um jovem adolescente que tem sua aparência muito jovial e possuía a idade de criança mais ou menos grande e esse tipo de anjo adolescente se tornaria muito frequente no século XIV e perduraria até o final do *quattrocento* italiano. O segundo tipo de criança é representado pelo Menino Jesus, sendo ele considerado o modelo e o ancestral de todas as crianças pequenas da história da arte, ele era como as demais crianças, tendo sua aparência representada como um adulto em miniatura. Por fim, surge um terceiro tipo de criança na fase gótica: a criança nua. O Menino Jesus, quase nunca era representado despido, na maioria das vezes ele era representado vestido como as demais crianças, ele só seria representado despido no final da Idade Média (ARIÈS, 1981, p.19).

Conforme Ariès (1981), as crianças morriam em uma grande escala, muitas nem chegavam ao seu primeiro ano de vida e isso devido a vários fatores, como, a demografia da época, as condições higienistas, situação que persistiu até o século XIX e esse pode ser um dos fatores que contribuíram para que houvesse essa grande insensibilidade para com a criança e a infância. A criança só começou a ser “notada”, quando se iniciou o gosto pelo retrato, saindo do “anonimato” em que sua pouca possibilidade de sobrevivência as mantinha. O século XVI, foi muito importante na história dos sentimentos, pois foi neste período que o aparecimento de retratos de crianças mortas surgiu, porém ela ainda não seria representada sozinha. No entanto, “Esse sentimento podia muito bem se acomodar à indiferença com relação à personalidade essencial e definitiva da criança, a alma imortal” (ARIÈS, 1981, p.70). Por volta do século XVII a criança começou a ser representada sozinha e então as famílias começaram a ter em suas casas retratos de seus filhos e esse século foi também muito importante, pois foi a partir dele que os retratos das crianças sozinhas se tornaram numerosos e bastante comuns.

O gosto novo pelo retrato indicava que as crianças começavam a sair do anonimato em que sua pouca possibilidade de sobreviver as mantinha. É notável, de fato, que nessa época de desperdício demográfico se tenha sentido o desejo de fixar os traços de uma criança que continuaria a viver ou de uma criança morta, a fim de conservar sua lembrança. O retrato da criança morta, particularmente, prova que essa criança não era mais tão geralmente considerada como uma perda inevitável (ARIÈS, 1981, p.70).

Então é possível perceber que as concepções e percepções sobre a infância foram se constituindo na velha sociedade tradicional. Segundo Ariès, a duração da infância era rápida e frágil, logo era misturada com os adultos e partilhavam das mesmas atividades e jogos, frequentando os mesmos lugares e espaços, além disso, ele ainda ressalta que durante muitos séculos a educação foi garantida pela aprendizagem, graças ao convívio dessas crianças com os adultos. Desta forma a criança tinha uma passagem pela família e pela sociedade muito breve, a taxa de mortalidade dessas crianças era muito alta e esse era um dos motivos da grande insignificância que elas tinham, não se fazia questão de guardar lembranças ou memórias que tocassem a sensibilidade das pessoas. O autor diz que havia um sentimento superficial para com a criança, durante seus primeiros anos de vida, as pessoas se divertiam com elas, mas se ela chegasse a morrer, como acontecia muitas vezes, logo ela era esquecida, porque outra criança a substituiria (ARIÈS, 1981).

A partir do fim do século XVII, houve uma mudança considerável também em relação à educação, pois foi nesse período que a escola substituiu a aprendizagem como um meio de educação. Essas crianças deixaram de estar misturadas com os adultos e de aprender sobre a vida através da convivência com eles e foi com a “entrada” da escola que se deu início a escolarização. Com o surgimento da escola, surge também uma grande ligação entre a criança, a educação e escola, tendo como consequência dessa ligação o surgimento de um novo lugar para a criança. Foi neste período que a criança passou a ser tratada pela família de forma diferente, começou-se a dar uma importância para elas, saindo então do anonimato e tomando seu papel e sua importância dentro da família e da sociedade, ela atingiu um nível tão grande de importância que seria impossível perdê-la ou substituí-la por outro sem que houvesse uma enorme dor, aqui percebemos mudanças dentro da família e da sociedade (ARIÈS, 1981).

[...] no início dos tempos modernos um meio de isolar cada vez mais as crianças durante um período de formação tanto moral como intelectual, de adestrá-las, graças a uma disciplina mais autoritária, e, desse modo, separá-las da sociedade dos adultos (ARIÈS, 1981.p.201).

Para Ariès, a evolução escolar está ligada a uma evolução paralela do sentimento das idades e da infância, pois no início o senso comum não tinha dificuldades em aceitar a mistura de idades. Com o decorrer dos anos foram se dividindo e separando as classes em idades, de início em favor das crianças menores. Então a escola como dito anteriormente, passou a ser um instrumento para a educação da infância e da juventude em geral, tornando-se um importante meio de disciplinar e fazer das crianças, posteriormente adultos racionais e honrosos, sendo assim a escola passou a ser uma instituição essencial da sociedade e essa evolução foi advinda dos reformadores escolásticos do século XV o Cardeal d'Estouteville, Gerson, os organizadores dos colégios e pedagogias, e finalmente e acima de tudo, os jesuítas, os oratorianos e os jansenistas, por meio dos quais começou a surgir o sentimento de particularidade infantil. (AIRES,1981).

Os moralistas e educadores do século XVII, herdeiros de uma tradição que remontava a Gerson, aos reformadores da universidade de Paris do século XV, aos fundadores de colégios do fim da Idade Média, conseguiram impor seu sentimento grave de uma infância longa graças ao sucesso das instituições escolares e às práticas de educação que eles orientaram e disciplinaram (ARIÈS, 1981, p.226).

Assim como Ariès (1981) trata do papel que da escola e da sociedade teve na construção da infância como vista no século XIX, Paulo Ghiraldelli também enfatiza essa importância.

Conforme Paulo Ghiraldelli (2001) no início do século XIX, uma concepção moderna da infância já é percebida como uma construção que inclusive a entrelaça com a escola, e para retratá-la, ele traz o conto "As aventuras de Pinóquio", escrito por Carlo Collodi<sup>5</sup> (1883), esse conto traz consigo a possibilidade de fazer várias

---

<sup>5</sup>Carlo Lorenzini, dito Collodi, nasceu em Florença, na Itália, em 1826 e faleceu em 1890, adotou um pseudônimo literário, Collodi, foi um jornalista e escritor de literatura. Um dos seus principais trabalhos foi "As aventuras de Pinóquio" publicado em 1883. Disponível em:[https://www.lpm.com.br/site/default.asp?TroncoID=805135&SecaoID=0&SubsecaoID=0&Template=../livros/layout\\_autor.asp&AutorID=722353](https://www.lpm.com.br/site/default.asp?TroncoID=805135&SecaoID=0&SubsecaoID=0&Template=../livros/layout_autor.asp&AutorID=722353). Acessado em: 02/06/2021.

reflexões com relação à construção da infância. “Pinóquio” era um “boneco de madeira”, e para ele se tornar um “menino de verdade”, ele precisava ser bom para seu pai e para as outras pessoas além de ter responsabilidade, ter sua própria consciência, bondade e por fim ter um bom comportamento, aos olhos de seu pai e da fada, para que assim ela pudesse transformá-lo em um “menino de verdade”. Durante esse processo foi necessário contrariar aqueles que não eram considerados cidadãos, no caso o gato e a raposa, entre outros personagens, para que assim ele conseguisse se tornar um “menino de verdade”, ou seja, para que essa transformação fosse realizada, ele precisava agir como tal. A escola desempenha um papel no desenvolvimento do comportamento da criança, pois na escola ele seria alfabetizado, assumiria responsabilidades e se prepararia para a fase adulta.

Por meio da história de Pinóquio vemos a ideia da infância como construção histórica e das contingências culturais, das quais a escola tem importante papel.

Como visto anteriormente, o autor Ariès (1981) traz o “surgimento de infância” segundo uma visão ocidental. Dessa forma, partiremos agora para compreendermos a infância no Brasil. As divergentes concepções de infância demarcam a história das formas em que as crianças são tratadas e também em relação a assistência dada à elas no Brasil.

Assim como Ariès (1981) traz que no período ocidental na Europa as crianças morriam em uma grande escala, no Brasil também era elevada essa alta taxa de mortalidade que estão ligadas a falta de cuidados médicos, pelas condições higienistas, além de outros fatores.

Desta forma, parece certo afirmar que, os problemas sanitários e de saúde pública eram evidentes e conhecidos desde a primeira metade do século XIX, conforme mostrava a estatística sanitária publicada no *Correio Oficial* de Goiás em 1827 (FREITAS, 1999). Fazendo uma leitura do quadro estatístico (figura 5) veremos que foram registradas 144 mortes das quais 89 foram de adultos e 55 de crianças, em termos percentuais são 62% de adultos ao lado de 38% de crianças, mostrando um índice muito alto de mortalidade infantil em uma população estimada de 10 mil habitantes.

**TABELA I**  
**ESTATÍSTICA DEMOGRÁFICO-SANITÁRIA**  
**CIDADE DE GOIÁS-1927 (\*)**

CAUSA E MORTIS	ADULTOS	CRIANÇAS	TOTAL
Afecções do coração	40	2	42
Outras afecções aparelho circulatório	4		4
Hemorragia central	2		2
Tuberculose do aparelho respiratório	9		9
Bronquite aguda	2	1	3
Bronquite pneumônica	1		1
Pneumonia		2	2
Gripe	2		2
Outras afecções aparelho respiratório	2		2
Difteria e crupe	1	2	3
Diarréia e enterite		32	32
Febre tifóide/infecção paratífico	2		2
Outras afecções do aparelho digestivo	1		1
Outras doenças epidêmicas e endêmicas	1		1
Paludismo agudo e crônico		2	2
Sarampo		1	1
Sífilis	1		1
Meningite		4	4
Hemorragia e amolecimento cerebral	2		2
Tuberc. das meninges e sist. nerv. central	1	1	2
Outras afecções sistema nervoso	1		1
Outras tuberculoses	1		1
Afecções da pele e tecido celular	3		3
Septicemia puerperal	1		1
Outros acidentes de gravidez e parto	1		1
Nascido mortos		2	2
Mortes violentas	4		4
Doenças não especificadas ou mal definidas	7	6	13

(\*) População estimada: 10 mil habitantes

Fonte: *Correio Oficial*. Goiás, 1927. Arquivo Histórico do Estado de Goiás (AHE).

Figura 5. Estatística demográfica-sanitária de causa e morte na Cidade de Goiás em 1927.

Documento levantado no Arquivo Histórico do Estado de Goiás. Fonte: Freitas, 1999 apud Vaz, 2014.

Na Estatística Demográfica-Sanitária de 1927 fornece o quantitativo de doenças que atingiram as crianças, sendo mais comum a Diarreia e Enterite, que

levou a óbito 32 crianças naquele ano. A Enterite é uma inflamação do intestino<sup>6</sup> que, assim como a Diarreia, é provocada por vírus, bactérias, parasitas além de outros agentes. Esse quadro parece ser consequência de condições de higiene e sanitárias deficitárias.

Com o início da escolarização a criança foi tomando seu lugar dentro da família e dentro da sociedade. No entanto, ainda não haviam sido construídas as representações próprias do mundo infantil como temos hoje, os castigos eram a elas empregados assim como eram para os adultos. Os erros das crianças deviam ser punidos como por exemplo, com o uso da palmatória nas escolas. Mesmos assim, a escola já se constituía em um espaço para as crianças e novas formas de afetividade e a afirmação de um sentimento de infância estavam sendo construídas.

---

<sup>6</sup> “**Enterite** é uma enfermidade que afeta a região gastrointestinal, que pode ir da boca do paciente até a região do ânus, mas pode atingir também a outras partes do corpo, como pele, vesícula, osso. (...) As causas mais comuns são infecções, vindo principalmente da ação direta de vírus, bactérias, e parasitas, mas também da ingestão de toxinas em alimentos contaminados” (MANUAL MSD, versão de 2017. Disponível em <https://www.msmanuals.com/pt-br/casa/problemas-de-sa%C3%BAde-infantil/dist%C3%BArbios-digestivos-nas-crian%C3%A7as/gastroenterite-em-crian%C3%A7as>).

### CAPÍTULO 3. CULTURA MATERIAL E A ABORDAGEM ARQUEOLÓGICA

Para começar a discorrer sobre a materialidade da cultura nos túmulos de criança, é necessário trazer o conceito de cultura material. O arqueólogo James Deetz, define cultura material como:

qualquer segmento do meio físico modificado por comportamentos culturalmente determinados. Ao mesmo tempo, em movimento de dupla direção, ele cumpre um papel indutor, ao apresentar a relevância da dimensão material da vida social e estimular sua investigação (DEETZ,1977 apud LIMA,2011, p.13).

Portanto, fundamental para os estudos arqueológicos, a cultura material refere-se aos produtos materiais deixados pela ação humana e que são de alguma forma, fontes que conduzem o arqueólogo a identificar a presença e as ações humanas no passado ou no presente.

Outro conceito complementar de cultura material destacado por Copé e Rosa que se apoiam em Glassie:

De acordo com Glassie (1999), “a cultura material é cultura material feita”, o estudo da cultura material usa os objetos para abordar o pensamento e a ação humana na troca com a natureza, homens e mulheres fazem coisas, deixam rastros na terra, estas são as coisas da cultura material (Glassie, 1999: 41-44, apud COPÉ e ROSA, 2008: p.27).

Percebemos então como a cultura material é importante para a interpretação e compreensão das coisas deixadas por uma dada sociedade. Segundo a autora Tânia Andrade Lima (2011), a cultura material é produzida por indivíduos que por sua vez são ativos dentro da sociedade e que fazem escolhas que são ideologicamente

O pós-processual trouxe para as pesquisas arqueológicas a dimensão dos significados simbólicos, que por sua vez, são variados dentro dos contextos culturais. Buscou resgatar os significados culturais expressos na cultura material e pensar na ligação existente entre as coisas e pessoas, pois é entre esses dois que encontramos as crenças, ideias, ou seja, representações sociais e significados simbólicos. “Arqueologia Pós-Processual é definida, também, como interpretativa e auto reflexiva

ou contextual com ênfase nos contextos históricos, nos indivíduos, na agência, nos significados [...]”. (HODDER, 1999, p. 5, apud DI BACO; FACCIO E LUZ, 2010).

O autor Matthew H. Johnson, 2010, traz uma citação de Hodder, onde ele diz que:

indivíduos não são simples instrumentos em um jogo orquestrado e fica difícil enxergar como subsistemas e papéis possuem “metas” por si mesmos. Explicações adequadas de sistemas sociais e mudança social devem levar em conta avaliações e intenções dos indivíduos (Hodder, 1982, d:5; apud JOHNSON, 2010, p.150).

Sendo assim, os indivíduos são competentes e conscientes, sendo considerados como sujeitos ativos e que possuem intenções em suas escolhas, usam a cultura material para construir a sociedade por meio das ações dos agentes sociais (JOHNSON, 2010).

A cultura material é então constituída por significados que variam de acordo com as pessoas, com o contexto e com o tempo. Ela é melhor interpretada quando é analisada em seu contexto original, sendo ela considerada como um texto que pode ser lido e interpretado de várias maneiras, assim resultando em vários significados. Portanto, a cultura material, não deve ser vista somente como um reflexo do comportamento humano, mas sim uma transformação desse comportamento, onde ideias, crenças e significados se colocam entre as pessoas e as coisas. (COPÉ e CAROLINA, 2008).

Portanto, é importante interpretar, não somente os artefatos, mas analisar o contexto em que ele está inserido, para que assim seja possível chegar aos seus significados. Para a realização da contextualização é necessário que seja realizada a interpretação arqueológica, pois ela requer que essas coisas sejam relacionadas com outras para que assim o passado tenha algum sentido (DI BACO; FACCIO e LUZ, 2010).

Sendo assim, além de apresentar a contextualização histórica do cemitério São Miguel, que foi feito no primeiro capítulo deste trabalho, é preciso também compreender os significados da infância e sua constituição na história.



### 3.1 METODOLOGIA

Uma importante referência para o estudo da cultura material nos cemitérios é o trabalho de Tânia de Andrade Lima (1994), *De Morcegos e Caveiras a Cruzes e Livros: a representação da Morte nos cemitérios cariocas do século XIX*, que tem como objetivo mostrar prováveis mudanças no imaginário coletivo sobre a morte provocados pelo rompimento com a ordem escravocrata e o início da República.

Na pesquisa da autora:

cada cemitério foi entendido como um sítio arqueológico, sendo os jazigos considerados como artefatos, e nessa condição, reunindo uma série de atributos. Dessa forma, foram destacados sobretudo as representações iconográficas (LIMA, 1994, p. 113).

A ocorrência de túmulos de períodos diferentes em um mesmo espaço dá aos cemitérios uma feição caótica, sobre a qual Lima empreende sua pesquisa de registro e classificação de modo a “visualizar” melhor as estruturas da passagem do século XIX para o século XX. A classificação da autora com base nas representações iconográficas permitiu destacar mudanças na materialidade do cemitério que estavam de acordo com as mudanças históricas e sociais do Rio de Janeiro.

As representações iconográficas nos cemitérios do Rio de Janeiro do século XIX apresentam imagens de Jesus Cristo, Nossa Senhora, Santos e Anjos, além de cruzes, que são constantes em quase todos túmulos, assim como retratos de pessoas falecidas (LIMA, 1994). Ao analisar as representações iconográficas presentes nos túmulos de crianças do século XIX no Cemitério São Miguel da Cidade de Goiás, foi possível identificar elementos da simbologia católica da mesma forma que apresentado no cemitério do Rio de Janeiro, como por exemplo, a presença de uma escultura de Nossa Senhora de Aparecida, cruzes, anjos, além de outros elementos, possivelmente relacionados ao aspecto cristão da época.

Para compreender a iconografia do cemitério, consultamos a obra de Maria Elizia Borges (2002) intitulada *Arte Funerária no Brasil (1990-1930)*, onde a autora comenta suas origens, referências e significados. Apesar da autora desenvolver um extenso levantamento do trabalho de marmoristas imigrantes italianos que produziram

diversos implementos para os cemitérios de Ribeirão Preto, a obra contribui com descrições e definições muito bem fundadas sobre imagens, lápides, símbolos e elementos decorativos encontrados em cemitérios que serviram como referência para a análise desenvolvida no meu TCC.

Durante a minha iniciação científica foi feito trabalho de campo no Cemitério São Miguel, inicialmente, para realizar o reconhecimento e delimitação da área de estudo para selecionar onde seria feito o levantamento e identificação dos túmulos de criança do século XIX e que preservam as referências originais do período (CASTRO, 2014; HERBERT, 2018). Nessa etapa também foi feita a delimitação do limite do cemitério no século XIX que conserva vestígios da fundação de um muro no lado Nordeste.

A imagem do Google Earth na figura 6 delimita a área do Cemitério São Miguel, indicando de vermelho a área que o cemitério ocupava no século XIX, quando foi fundado.



— Delimitação da planta original do século XIX.

Figura 6. Cemitério São Miguel vista em imagem do Google Earth, linha vermelha indicando a delimitação do século XIX, localização da Quadra 1 em amarelo e da Quadra NO em verde. Fonte: Google Earth.

O levantamento das estruturas tumulares de crianças foi realizado com o caminamento de uma quadra a Noroeste da delimitação do século XIX. As estruturas tumulares foram consideradas como artefatos arqueológicos em elevação, ou seja, acima do solo.

Utilizando a proposta metodológica de Herberts (2011), foi elaborada uma ficha para o registro individual e descrição das estruturas tumulares, onde foram colocadas informações sobre número de indivíduos sepultados, ano de nascimento e falecimento, detalhes sobre a estrutura do jazigo e a inclusão de lápide, cruz, entre outros. Na proposta da autora, estas características, vistas em maior escala do que a abordada na presente pesquisa, podem contribuir para uma visão geral da demografia

(número de indivíduos sepultados) e das instalações registradas (edificação, lápide, cruz, escultura).

Nesta quadra a NO, foi identificado um túmulo de criança, que se tratava de um jazigo familiar, assim considerado por terem sido sepultados quatro indivíduos em um mesmo túmulo. Os jazigos familiares eram e são bastante “comuns”. Observando os túmulos antigos e recentes presentes no cemitério, é possível notar que alguns apresentam de cinco a doze indivíduos.

Estes procedimentos já foram realizados em um trabalho de conclusão de curso que também estudou o cemitério São Miguel da Cidade de Goiás, realizado por Willy Eduardo Hochleitner (2018). Naquela pesquisa foram abordadas três quadras com o objetivo de identificar e caracterizar os túmulos do século XIX, tendo sido identificados 11 túmulos do século XIX, sendo oito de adultos e três de crianças. Na presente análise foi realizado o levantamento na quadra 1 sendo registrado nesta quadra um túmulo de criança do século XIX. De maneira que, foram analisados quatro túmulos de crianças neste trabalho de conclusão de curso.

As fichas descritivas foram composta das seguintes informações: identificação dos indivíduos sepultados, ano de nascimento e falecimento, detalhes sobre a estrutura do jazigo e a inclusão de lápide, cruz, conforme será apresentado:

Tabela 1. Ficha descritiva da Sepultura 1



Ficha descritiva das sepulturas do Cemitério São Miguel da Cidade de Goiás		
Sepultura	Perpétua	Quadra
1	Não identificada	Noroeste
Identificação		Datas de N e F
Floriano José Lopes Jeronymo José Lopes Alfredo José Lopes Benedita Josefina Lopes		27/03/1896 – 20/07/1896 01/11/1892 – 10/11/1897 22/08/1889 – 04/09/1901 14/05/1887 – 09/04/1967
Inscrição da lápide		Elementos Iconográficos
<p>1 - Floriano José Lopes, nascido em 27 de março de 1896 e faleceu em 20 de setembro de 1896; Jeronymo José Lopes, nascido em 01 de novembro de 1892 e faleceu em 10 de novembro de 1897 e Alfredo José Lopes, nascido em 22 de agosto de 1887 e faleceu em 1967, Saudades de seus paes.</p> <p>2 - Benedita Josefina Lopes, nascida em 14 de maio de 1887 e faleceu em 09 de abril de 1967, homenagem de sua irmã</p>		<p>Lápide 1: moldura em arco e duas tulipas.</p> <p>Lápide 2: sem iconografia</p>
Descrição do túmulo		
<p>Edificação de alvenaria com paredes emolduradas. Na frente, duas colunas quadrangulares decoradas com ramos estilizados estão de um lado e do outro da lápide maior. Nas laterais existem três degraus que sobem para o centro da edificação. Na parede do fundo elevada, provavelmente onde ficava a cruz que não está mais presente.</p>		
Foto		
		



Tabela 2. Ficha descritiva da Sepultura 2

Ficha descritiva dos túmulos do Cemitério São Miguel da Cidade de Goiás		
<b>Sepultura</b>	<b>Perpétua</b>	<b>Quadra</b>
2	Não identificada	1
<b>Identificação</b>		<b>Datas de N e F</b>
Maria Altina de Moraes Jardim		02/11/1874 – 18/09/1883
<b>Inscrição da lápide</b>		<b>Elementos Iconográficos</b>
Inscrição da lápide: Aqui Repousão os Restos Mortais da Innocente Maria Altina de Moraes Jardim Nascida A 2 de Novembro de 1874 e Falecida A 18 de Setembro de 1883 Filha de Luiz Roiz de Moraes Jardim e de Umbelina Fuflosani de Moraes Jardim Eterna Saudades de Seus Pais.		Imagem de Nossa Senhora Aparecida feita de pedra sabão com coroa, manto e crucifixo nas mãos.
<b>Descrição</b>		
Edificação de alvenaria com lápide de mármore encaixada entre duas colunas quadrangulares, sobre elas está um frontão <sup>7</sup> onde provavelmente havia uma cruz. Foi colocada uma imagem sobre a torre.		
<b>Foto</b>		
		

<sup>7</sup> Ornato arquitetônico na face principal de um edifício, geralmente decorando a fachada principal tem formato de triângulo (Dicionário Houaiss, 2001).

Tabela 3. Ficha Descritiva da Sepultura 3


Ficha descritiva dos túmulos do Cemitério São Miguel da Cidade de Goiás		
Sepultura	Perpétua	Quadra
3	Não identificada	1
Identificação		Datas de N e F
-		1897 -
Inscrição da lápide	Elementos Iconográficos	
E Bella Assim como um lírio Murcho da sésta ao ardor. Teve a inocência dos Anjos ...	Ramo de flores	
Descrição		
Pequena construção de alvenaria que sustenta um pedra (semelhante a ardósia) trabalhada em relevo floral e lápide de mármore quebrada, Não foi identificado o nome e a data de falecimento.		
Foto		
		

Tabela 4. Ficha Descritiva da Sepultura 4

Ficha descritiva dos túmulos do Cemitério São Miguel da Cidade de Goiás		
<b>Sepultura</b>	<b>Perpétua</b>	<b>Quadra</b>
4	Não identificada	1
<b>Identificação</b>		<b>Datas de N e F</b>
Anna Clementina de Faria		17/07/1887 – 12/11/1897
<b>Inscrição da lápide</b>		<b>Elementos Iconográficos</b>
Anna Clementina de Faria Nascida em 17 de julho de 1887 Fallecida em 12 de novembro de 1897. Saudades dos seus desolados paes.		Ausente
<b>Descrição</b>		
Construção de alvenaria com plataforma inclinada onde fica a lápide de mármore, torre sem cruz.		
<b>Foto</b>		
		

À ficha descritiva foi inserida uma foto representativa do túmulo. O conjunto de informações coletadas passam a ser analisadas quanto à iconografia e inscrições nas lápides.



### 3.2 ANÁLISE

A bibliografia estudada, em especial Ariès, nos permitiu compreender que as mudanças são evidentes, a criança passou a cada vez mais ter a infância reconhecida, antes até as vestimentas das crianças eram iguais aos dos adultos, a partir do século XVII, isso mudou, a criança não era mais vestida como adulto, ela passou a ter trajes reservados e separados à sua idade que as distinguia dos adultos. Além dessa mudança, houve outras, como por exemplo, o surgimento dos retratos, onde as crianças começaram a ter suas representações na iconografia e na arte, pois as famílias começaram a em suas casas retratos de seus filhos. Houve também mudanças com a inserção das crianças na escola, pois estas deixam de se misturar com os adultos e tomando seu papel de infância dentro da sociedade e da família.

O sentimento em relação à infância é uma construção sócio-cultural que foi se modificando no decorrer dos séculos. Ariès(1981) enfatiza que no período medieval a criança e a infância era vista sem muita particularidade ou importância, não havendo uma homenagem póstuma, “memória” ou qualquer demonstração documentada de luto ou lembrança, porém esse sentimento foi se transformando.

Como este Trabalho de Conclusão de Curso está interessado em compreender a infância no século XIX na antiga Vila Boa, e em particular a partir dos túmulos de crianças do Cemitério São Miguel, passamos a análise da cultura material para identificar como estas ideias ou concepções podem eventualmente ser constatadas na materialidade do cemitério.

A partir dos quatro túmulos de criança detectados, o primeiro passo da análise foi a identificação do sexo por meio do nome da criança, sendo observadas seis crianças, três do sexo masculino e três do sexo feminino, o indivíduo feminino da sepultura familiar faleceu idosa. A idade das crianças foi de seis meses a 12 anos, sendo que a sepultura 3 não tem a data de nascimento e falecimento.

As informações inscritas nas lápides estão carregadas de sentido, ou seja, representam o contexto cultural e histórico em que se insere uma dada sociedade (RIBEIRO, 2007). E também o espaço que ocupa dentro da família e da sociedade e o sentimento em relação à infância presente no século XIX, que é o foco deste trabalho.

Buscou-se por meio da materialidade dos túmulos destacar os elementos que eventualmente estariam transformados pelo sentido de infância no século XIX nas

inscrições das lápides e na iconografia. Para a análise das inscrições e da iconografia foi elaborado um quadro com os dizeres das frases que se referem a homenagens, excluindo a identificação do falecido, data de nascimento e falecimento.

Tabela 5. Descrição das iconografias, inscrições das lápides e forma das sepulturas

Sepulturas	Inscrições das lápides	Iconografias	Formas dos Túmulos
Sepultura 1	“Saudades de seus paes”	moldura de baixo-relevo em arco formando arabesco com duas tulipas. Cruz.	-Edificação de alvenaria com paredes emolduradas. -Na frente, duas colunas quadrangulares decoradas com ramos estilizados estão de um lado e do outro da lápide maior. -Nas laterais existem três degraus que sobem para o centro da edificação. -Na parede do fundo elevada, provavelmente onde ficava a cruz que não se encontra mais presente.
Sepultura 2	“Aqui Repousão os Restos Mortais da Innocente” “Eterna Saudades de Seus Pais”	Imagem de Nossa Senhora Aparecida feita de pedra sabão com coroa, manto e crucifixo nas mãos.	- Edificação de alvenaria com lápide de mármore encaixada entre duas colunas quadrangulares, sobe elas estão um frontão, onde provavelmente havia uma cruz. - Foi colocada uma imagem sobre a torre.
Sepultura 3	E Bella Assim como um lírio Murcho da sésta ao ardor. Teve a inocência dos Anjos...	Ramo de Flores	Pequena construção de alvenaria que sustentam uma pedra (semelhante a ardósia) trabalhada em relevo floral e lápide de mármore quebrada, não foi identificada o nome e a data de falecimento.
Sepultura 4	Saudades de seus desolados Paes		- Construção de alvenaria com plataforma inclinada onde fica a lápide de mármore, torre sem cruz.

A sepultura 1 corresponde a um jazigo familiar onde encontram-se sepultados quatro indivíduos, três crianças e uma adulta. Na análise das inscrições foi suprimida a lápide da irmã que faleceu aos 80 anos. As crianças tinham idade de 12 e 5 anos, as duas mais velhas, e um bebê de 6 meses, o mais novo. Como a lápide contém o nome dos três infantis, quer dizer que foi feita após 1896, data em que a última criança

morreu. A inscrição “Saudades de seus paes”, certamente remete a ausência das crianças no colo paterno e materno. A reunião das crianças em uma única lápide como um sentimento de amor paternal e maternal pela prole e a passagem do tempo que não apagou a ausência dos filhos, talvez até a morte do último reacendendo a perda dos dois primeiros (a diferença entre a morte do primeiro e do último é de cinco anos). Um sentido não exclui o outro.

Na sepultura 2, está escrito na lápide “Eterna Saudades de Seus Pais” que também remete a ausência que a criança faz para seus pais, a saudade, o sentimento de luto e a lembrança, foi usada a palavra inocente para indicar a criança. Referir-se às crianças como inocente estaria ligado ao contexto histórico e cultural daquele momento, para Deuzair Silva, possivelmente, queriam se referir às crianças como aquelas que não estavam obrigados a receberem a santíssima comunhão (SILVA, 2012).

A sepultura 3 tem a lápide quebrada, estando presente apenas uma parcela desta. Nessa lápide encontra-se a seguinte inscrição: “Odette E Bella Assim como um lírio Murcho da sésta ao ardor. Teve a inocência dos Anjos ...”. Corresponde a um trecho do Poema Epicêdio de Gonçalves Dias publicado em 1846 no livro *Primeiros Cantos*<sup>8</sup>. Conforme o Dicionário Informal, Epicêdio corresponde a um Hino ou “Lamentação na forma de poema lírico ou sinfônico, ou discurso, dedicado à memória de alguém”<sup>9</sup>. A morte está representada no verso “um lírio murcho” e a “inocência dos Anjos” faz referência à criança. Ao analisar as inscrições dessa lápide percebe-se como é profunda e sentimental a forma como é demonstrado o sentimento de luto, perda, ausência, de amor e de memória dos pais por essa criança. E a expressão “inocência dos Anjos”, também enfatizando a inocência e a morte prematura da criança.

Por último, mas não menos importante, a sepultura 4 traz a seguinte inscrição: “Saudades de seus desolados Paes”. A saudade nos revela a ausência que a criança deixou em seu meio familiar. Uma definição de desolados buscada no Dicionário Online de Português<sup>10</sup> diz: *sf Solitário, triste, aflito; que foi alvo de desolação; que se*

<sup>8</sup> Como o poema é de domínio público, pode ser encontrado em vários sites, inclusive o livro *Primeiros Cantos* está disponível em formato pdf pela Positivo informática encontrado no site da Z Library: <https://1lib.limited/> consultado em 28/06/2020.

<sup>9</sup> Dicionário Informal *online*. Disponível em <https://www.dicionarioinformal.com.br/epic%C3%A9dio/>. consultado em 28/06/2020.

<sup>10</sup> Dicionário *Online* de Português. Disponível em <https://www.dicio.com.br/desolados/>. Consultado em 31/05/2021 às 17:44h

*encontra em estado de desamparo ou de aflição: os sobreviventes estavam desolados.* Percebe-se como é profundo o “vazio” que a morte da criança causou nos pais.

A palavra saudade aparece em três lápides. Uma definição de saudade buscada no dicionário Caldas Aulete, diz: “*sf* 1. Sentimento provocado pela lembrança de algo bom vivido ou pela ausência de coisas e pessoas queridas. *saudades sf pl.* 2. Cumprimentos carinhosos às pessoas cuja ausência é sentida” (AULETE, 2004). O mesmo verbete no Dicionário da Língua Brasileira<sup>11</sup>, publicado em 1832, diz: *Saudade. s. f. Magoa nascida da ausência da cousa amada, acompanhada do desejo de a ver. Flor deste nome.* (PINTO, 1832, p. 969). Em ambos os casos, os verbetes destacam a lembrança e a ausência, que podem ser relacionados à lápide. São esses os sentidos da saudade, apesar de que em sua profundidade psicológica não podemos definir de forma única qualquer palavra. Considerando-a como um símbolo, não está relacionada a um único sentido, sendo que estes são construídos tanto culturalmente como subjetivamente (RIBEIRO, 2007).

As iconografias presentes nos túmulos não estão relacionadas com as crianças, são elementos decorativos que estão relacionados com o gosto da época. Na sepultura 1 possui uma moldura de baixo-relevo em arco formando arabesco com duas tulipas, além do arabesco há uma pequena cruz no centro, também em baixo relevo.

Segundo Borges (2002), o baixo-relevo com arabesco é um elemento decorativo comum. “Nas esculturas em baixo-relevo, os elementos sobrelevam muito pouco o plano que lhes serve de fundo. O baixo custo e a facilidade da técnica favoreceram o seu uso em todos os tipos de arte funerária” (BORGES, 2002, p. 204).

---

<sup>11</sup>Dicionário da Língua Brasileira por Luiz Maria da Silva Pinto Natural da Província de Goyaz, conforme está na primeira folha, mantendo aqui a grafia do original. Acessado em 07/06/2021. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/view/?45000038026&bbm/5414#page/806/mode/2up>



Figura 6. Arabesco em baixo relevo, sepultura 1. Foto: Natália Fé. 2019

A sepultura 2, possui a imagem da Santa Nossa Senhora Aparecida feita de pedra sabão com coroa, manto e crucifixo nas mão; a sepultura 3 possui ramo de flores, trabalhada em relevo floral e lápide de mármore quebrada; por fim a sepultura 4 é ausente de iconografia, sendo uma plataforma inclinada onde fica a lápide de mármore e uma torre sem cruz. Fica perceptível que essas iconografias estão ligadas às concepções dos pais de uma estética tumular, não parecem ter uma relação direta com relação à criança ou a infância.

Além das observações que puderam ser feitas sobre as inscrições nas lápides e nas iconografias, a forma das sepulturas 3 e 4 também merece destaque. As estruturas edificadas não têm uma base retangular, mas é um suporte para a lápide ou pedra decorativa. Parece que a pequena sepultura está indicando que há ali uma criança sepultada.

Apesar de terem sido analisadas apenas quatro sepulturas, as características apontadas estão relacionadas ao comportamento diante da morte da criança na segunda metade do século XIX, no qual percebemos que a morte em idade infantil está relacionada ao sentimento de saudades, desolação e interrupção precoce da vida. A iconografia vem associada à religiosidade pela presença da cruz e da imagem de Nossa Senhora Aparecida, e a elementos florais que parecem ser mais estéticos do que simbólicos.

Percebemos, no entanto, duas características que talvez estejam indicando um outro sentido em relação à infância, uma delas é a forma da estrutura tumular de duas sepulturas que tem tamanho menor do que a área da sepultura, a outra característica é a ocorrência de um único indivíduo na sepultura, não havendo outros membros da mesma família sepultados no mesmo túmulo. Apenas um deles, a sepultura 1, tem três crianças, com data da morte entre 1896 e 1901, onde uma adulta também veio a ser sepultada em 1967. Eventualmente, essas peculiaridades poderiam estar relacionadas ao sentido de inocência, sendo indesejado o sepultamento de um adulto na mesma cova. De qualquer forma, as características materializadas nas sepulturas seriam transformações das concepções sobre a infância naquele contexto em específico.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O sentimento de infância na modernidade foi uma construção ao longo da História. Vimos, através de Ariès (1981), que não existia no período medieval, uma particularidade infantil, muito menos um sentimento em relação à infância. A criança era representada como um adulto em miniatura, a infância era vista como um período frágil, rápido e passageiro da qual não era muito comum guardar lembranças, pois logo a criança seria inserida no mundo dos adultos.

No decorrer dos séculos houve grandes mudanças com relação ao desenvolvimento e reconhecimento da particularidade infantil e da posição em que a criança foi ocupando dentro da família e da sociedade. Um dos principais itens analisados pelo autor para indicar o surgimento de um novo sentimento em relação à infância foi por meio das iconografias da Idade Média.

O autor nos mostra que esse novo sentimento em relação à infância passou por algumas “etapas”; primeiro a criança passou por um período denominado por ele de “paparicação”, em que a criança por sua ingenuidade e graça passa a ser um meio de distração dos adultos, depois veio o segundo sentimento de infância caracterizado pela “moralização”, como as crianças passavam maior parte de suas vidas inseridas no meio adulto não tinha um cuidado com relação ao que se era falado na frente delas. A “moralização” fez com que os adultos reconhecesse a infância e foi a partir de então que começou a separar o que podia ser dito perto ou na frente das crianças.

Ainda em Ariès, no fim do século XVII, houve uma mudança considerável, pois foi nesse período que a escola substituiu a aprendizagem que antes era feita pela convivência das crianças com os adultos, agora a escola passa a ser o meio de educação dessas crianças. A escola desempenhou um papel de separação das crianças do mundo dos adultos, ou seja, a infância começou a ser marcada pela vida escolar, além de ter o dever de ensinar ela também se tornou lugar de separação. E foi com a introdução da criança na vida escolar que surge um novo lugar para ela, passou a ser tratada de forma diferente pela família e pela sociedade, começando a tomar seu “lugar”. No período medieval a morte da criança era pouco sentida, no período industrial não seria tão tolerável a perda de uma criança pela família.

Para que fosse possível compreender como a materialidade dos túmulos de crianças do século XIX em Vila Boa de Goiás demonstram o sentimento em relação à

infância nesse período, foi realizada uma análise das inscrições das lápides, das iconografias e da forma dos túmulos edificadas. Como resultado pude perceber que as inscrições das lápides revelam um sentimento de afetividade, de luto, de dor. As iconografias parecem não estar relacionadas à criança, elas estão mais ligadas à religiosidade e à estética da época.

Outras características como o tamanho pequeno da edificação tumular e o sepultamento individual, também, poderiam estar ligados ao sentido de inocência na infância.

Desta forma, compreendo que a materialidade dos túmulos expressa a imaterialidade, a afetividade dos pais pelos filhos, por outro lado ela também mostra que a criança não tinha ainda um universo feito para elas, seria um universo dos pais projetado na criança que é diferente do período em que Ariès descreve, porém já é possível notar uma mudança no sentido da afetividade, entretanto ainda falta construir esse “mundo infantil” que hoje já temos, que vai além do recorte temporal deste trabalho.

Por fim, a pesquisa buscou também resgatar por meio da cultura material, os significados culturais expressos nela, pensando na ligação existente entre as coisas e pessoas, pois no meio desses dois pontos se encontram as crenças, as ideias, as representações sociais. Sendo assim, Johnson (2010), diz que os indivíduos são competentes e conscientes, sendo considerados sujeitos ativos dentro da sociedade e que possuem intenções próprias em suas escolhas, usam a cultura material para construir a sociedade por meio das ações dos agentes sociais. A cultura material é constituída e construída por significados que podem variar de acordo com os indivíduos, com o contexto e com o tempo e precisa ser interpretada para que assim seja possível chegar a esses significados.



## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2 ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

AULETE, Caldas. **Dicionário Contemporâneo de Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

BORGES, Fabiana Craveiro Silva Ferraz. Cidade De Goiás: O Uso do Patrimônio Histórico como Recurso Turístico. In: **GT “Turismo e Cultura” do VI Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL** – Caxias do Sul, 9 e 10 de julho de 2010. **Anais...** Caxias do Sul, 2010, p. (1-16).

BORGES, Maria Elizia. **Arte Funerária no Brasil (1890-1930)**. Belo Horizonte: Ed. Comarte, 2002.

CASTRO, Elisiana de Trilha. In **Frieden: inventário dos cemitérios de imigrantes alemães de São Martinho**. Blumenau: Nova Letra, 2014.

COPÉ, Silvia Moehlecke; ROSA, Carolina. Aveline Deitos. **A arqueologia como uma prática interpretativa sobre o passado no presente: perspectivas teórico-metodológicas**. 2008. ResearchGate, Disponível em: <<https://www.researchgate.net/publication/305767674>>.

DI BACO, Hiuri.Marcel; FACCIO,Neide Barroca; LUZ Juliana Aparecida. Rocha. Alguns Traços Iniciais do Estudo: Da Arqueologia Cognitiva às Tendências Teóricas Atuais na Arqueológica. **Revista Tópos**, São Paulo, V. 4, N° 1, p. 146 - 173, 2010.

ESCÓRCIO, Eliana; GASPARGAS, Maria Dulce. Um olhar sobre gênero: estudo de caso – sambaqueiros do RJ. **Revista de Arqueologia**, [S. l.], v. 23, n. 1, p. 72–89, 2010. Disponível em: <<https://revista.sabnet.org/index.php/sab/article/view/290>>. Acesso em: 20 maio. 2021.

FRAGA, da Silva, Adriana. Infância, gênero e brinquedos: reflexões sobre a construção da domesticidade feminina através das coisas contemporâneas de brincar. **Revista de Arqueologia**, [S. l.], v. 31, n. 2, p. 176–196, 2018. DOI: 10.24885/sab.v31i2.597. Disponível em: <https://revista.sabnet.org/index.php/sab/article/view/597>. Acesso em: 2 jun. 2021.

FREITAS, Lena Castello Branco Ferreira de. **Saúde e Doenças em Goiás – A medicina possível**. Goiânia: Ed. UFG, 1999.

GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. As concepções de infância e as teorias educacionais modernas e contemporâneas. **Educação** (UFSM), 2001, 23-34. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/3680>>.

GOMIDE, Cristina Helou. **Antiga Vila Boa de Goiás – Experiências e Memórias NA/DA Cidade Patrimônio**. 2007. 192 f. Tese de Doutorado (História). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – Programa de Estudos Pós- Graduated em História Social, São Paulo. 2007.

HERBERTS, Ana.Lucia. **Cemitérios no caminho**: o patrimônio funerário ao longo do Caminho das Tropas nos Campos de Lages. Blumenau: Nova Letra. 2011.

HOCHLEITNER, Willy Eduardo. **Levantamento de túmulos do século XIX no Cemitério São Miguel da Cidade de Goiás**: modelo de caminhamento *transect*. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Arqueologia). Goiânia, PUC Goiás, 2018.

JOHNSON, Matthew H. Concepções de agência em interpretação arqueológica. **Vestígios - Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica**, [S. l.], v. 4, n. 2, p. 148–173, 2010. Disponível: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/vestigios/article/view/11893>>. Acesso em: 2 jun. 2021.

LIMA, Tania Andrade. Cultura material: a dimensão concreta das relações sociais. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Ciências Humanas [online]. 2011, v. 6, n. 1 ,p. 11-23. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1981-81222011000100002>>. Acessado 2 Jun. 2021.

LIMA, Tania Andrade. **De morcegos e caveiras a cruzeiros e livros**: a representação da morte nos cemitérios cariocas do século XIX (estudo de identidade e mobilidade social). Anais Do Museu Paulista: História E Cultura Material, 2(1), 87-150, 1994.

MAGALHÃES, Sônia Maria de. Doenças das crianças goianas no século XIX os registros de óbitos do Hospital de Caridade São Pedro de Alcântara. In: **Varia História**, Belo Horizonte, vol. 29, nº 50, p.491-511, mai/ago, 2013.

MORAES, Cristina de Cássia Pereira de. **As estratégias de purificação dos espaços na capital da província de Goiás – 1835-1843**. Goiânia: UFG, 1999. (Dissertação de Mestrado).

PEREIRA, Júlio César M. da S. **À Flor da Terra**: o cemitério dos pretos novos no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Garamond Universitária – IPHAN, 2007.

RIBEIRO, Marily Simões. **Arqueologia das Práticas Mortuárias**: uma abordagem historiográfica. São Paulo: Alameda, 2007.

RODRIGUES, Claudia. **Lugares dos mortos na cidade dos vivos**. Rio de Janeiro: Biblioteca Carioca, 1997.

SILVA, Deuzair José da. **A (Re)Invenção do Fim: lugares, ritos e secularização da morte em Goiás no século XIX**. Tese (Doutorado em História) – UFG. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, Faculdade de História, 2012.

SOUZA, Camila Anabela de Brito. **Concepção de Infância em Philippe Ariès**. 2015. 34 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Departamento de Educação da Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015. Disponível em: <<http://www.uel.br/ceca/pedagogia/pages/arquivos/2015>>. Acesso em: 02 jun. 2021.

VAZ, Samuel Campos. **A “Menina do Caco”**: imagem, imaginário e religiosidade no Cemitério São Miguel da Cidade de Goiás – GO. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – PUC Goiás. Goiânia, 2014.